

ES: a urbanização como efeito dos problemas rurais

AJ11. 236

Ronald Mansur

O interior do Espírito Santo continua sendo um grande fornecedor de população para a Grande Vitória, Rio de Janeiro, São Paulo, Rondonia, e localidades onde a oferta de trabalho apareça para suprir as necessidades do cidadão. Já há muitos anos o capixaba sai em busca da segurança, da garantia e de uma situação definida em termos de trabalho.

A cada divulgação de levantamento populacional, a partir de 1960, a constatação do decréscimo no montante da população é uma evidência perceptível ao primeiro contato com os números. Os números mais atuais sobre a população do estado, são encontrados no documento editado pela Secretaria do Planejamento, denominado "Dados Básicos sobre População e Escolarização no estado do Espírito Santo". O primeiro impacto desses números é proporcionado pelo fato da população urbana ter suplantado a população rural, invertendo o quadro até então reinante.

Em 1970, o Espírito Santo, possuiu uma população total de 1.617.857, da qual 54,59 por cento classificada como rural (883.101 habitantes) e 45,41 por cento no meio urbano (734.756 habitantes). Nestes sete anos que separam o Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE e o levantamento do Censo Escolar, o setor urbano passou a ter 52,94 por cento da população (900.843 habitantes) contra 47,06 por cento no setor rural (800.653 habitantes). De 1970 a 1977, o crescimento da população a nível estadual foi de 5,1 por cento, passando de 1.617.857 para 1.701.496 habitantes.

DISTRIBUIÇÃO

Dos 53 municípios do estado, no período de 1970 até 1977, 28 tiveram aumento populacional e 25 apresentaram queda no efetivo populacional. Das quedas verificadas, a que mais se destaca é a de Ecoporanga, que de 48.006 habitantes, declinou para 31.757, redução que em termos percentuais equivale a 34 por cento. Ainda temos com quedas substanciais os seguintes municípios: Mucurici, com menos 21 por cento; Barra de São Francisco, 16; Nova Venécia, 13,5; Pinheiro, 12; Afonso Cláudio, 11; Alegre, 19; Apicá, 18,5; Divino São Lourenço, 10; e Presidente Kennedy, 23.

No mapa anexo, os municípios em negrito, são os que apresentaram queda na população. E no quadro abaixo, vê-se as respectivas populações para os anos de 1970 e 1977, dos municípios que "perderam" população.

Município	1970	1977
Ecoporanga	48.006	31.757
Montanha	13.541	12.322
Mucurici	20.044	15.932
Baixo Guandu	27.200	26.129
Barra de São Francisco	54.458	45.883
Boa Esperança	10.545	10.177
Nova Venécia	47.947	41.430
Pinheiro	21.284	18.807
Afonso Cláudio	47.742	42.675
Ibiraçu	17.296	16.758
Itaguaçu	12.061	11.934
Castelo	25.938	25.704
Iúna	32.143	30.885
Muniz Freire	18.900	18.653
Alegre	40.693	32.808
Apicá	7.443	6.065
Divino de São Lourenço	3.967	3.586
Mimoso do Sul	23.952	22.018
Muqui	12.867	12.615

foi de 5,1 por cento, ou o equivalente a um incremento de 0,7 por cento ao ano. Um total de 111 municípios, não atingiram a média estadual. São eles: Colatina, mais 1,9 por cento; Mantenedópolis, 1,2; Pancas, 1,7; São Gabriel da Palha, 1,5; Conceição da Barra, 1,9; Alfredo Chaves, 4,3; Domingos Martins, 1,3; Santa Leopoldina, 0,5; Cachoeiro de Itapemirim, 0,1; Dores do Rio Preto, 3,2; e Jerônimo Monteiro, 0,9.

O crescimento dos municípios que compõem a Grande Vitória - Viana, Serra, Cariacica, Vitória e Vila Velha -, são os que apresentam um volume populacional mais destacado. Inclusive, o município de Vila Velha passou a ter o maior contingente populacional do estado, superando Vitória. Vila Velha, em 1977, possuía 158.172 habitantes e Vitória 156.310. O crescimento individual destes, 2 por cento; - Serra, 27,6, o maior do estado; Viana, 54,7; Vila Velha, 90,2 e Vitória, 14,6.

A Grande Vitória, que possuía em 1970, 391.153 habitantes, o equivalente a 24,1 por cento da população total a nível de estado, passou para 488.660 habitantes, em torno de 28,7 por cento. Os demais municípios tiveram os seguintes crescimentos: Aracruz, mais 34,1 por cento; Fundão, 7,5; Linhares, 17,3; São Mateus, 9,0; Conceição do Castelo, 10,3; Bom Jesus do Norte, 16,0; Guacuí, 7,6; Anchieta, 10,1; Guarapari, 26,2; Iconha, 10,0; Itapemirim, 16,3; e Piúma, 31,6.

No mapa de número 1, temos os municípios que tiveram crescimento positivo, representados pela colocação clara, em contraste com os que tiveram crescimento negativo no período de 1970 a 1977. No quadro abaixo, os 28 municípios que tiveram a população aumentada, no período de 1970 a 1977, que são:

Municípios	1970	1977
Colatina	107.587	109.652
Mantenedópolis	12.267	12.418
Pancas	28.300	28.795
São Gabriel da Palha	36.011	36.575
Aracruz	26.804	35.959
Conceição da Barra	32.074	32.699
Fundão	8.251	8.877
Linhares	93.215	109.393
São Mateus	41.418	45.177
Alfredo Chaves	10.432	10.886
Domingos Martins	24.456	24.793
Santa Leopoldina	21.958	22.075
Cariacica	102.027	123.687
Serra	17.377	33.062
Viana	10.627	16.444
Vila Velha	124.731	159.157
Vitória	136.391	156.310
Conceição do Castelo	15.060	16.620
Bom Jesus do Norte	5.122	5.945
Cachoeiro de Itapemirim	101.649	101.809
Dores do Rio Preto	3.754	3.876
Guacuí	16.923	18.211
Jerônimo Monteiro	7.379	7.448
Anchieta	11.515	12.687
Guarapari	24.463	30.887
Iconha	7.655	8.424
Itapemirim	28.766	33.482
Piúma	3.610	4.752

SETOR RURAL

A evidência de que o meio rural capixaba vem expulsando população, constata-se no fato de 43 municípios acusarem uma diminuição real de população. Somente em 10 municípios houve um incremento de população. A evolução da população dos municípios correlaciona-se a sua localização

Vitória	985	3.077
Viana	9.002	14.203
Serra	9.330	18.982
Cariacica	32.730	33.766
Aracruz	18.330	24.377

Linhares	64.713	73.112
----------	--------	--------

Na mapa de número 2, vemos na parte clara, todos os municípios que tiveram queda real na sua população rural, entre 1970 e 1977. Afinal, porque a população rural vem diminuindo? Esta pergunta deve ser respondida pelas autoridades do setor agrícola. Deve também falar os que sempre fizeram coro à afirmação que a erradicação dos cafezais na década de 1960 é a responsável direta pelos nossos problemas rurais. Hoje, nenhum documento solicitando ajuda, repasse ou os benefícios do governo federal, não deixa por menos, evocando, como base de argumentação, que "o processo de erradicação dos cafezais foi desastroso..." e assim vai em frente.

Então, no quadro abaixo temos os municípios que perderam população rural de 1970 a 1977:

Município	1970	1977
Ecoporanga	41.191	24.294
Montanha	3.983	1.937
Mucurici	18.620	14.704
Baixo Guandu	13.835	10.829
B. de São Francisco	40.330	30.290
Boa Esperança	9.429	7.818
Colatina	53.214	46.539
Mantenedópolis	19.281	8.930
Nova Venécia	36.881	27.879
Pancas	23.521	22.568
São Gabriel da Palha	25.231	22.705
Conceição da Barra	25.211	24.800
Fundão	4.412	3.845
Pinheiro	10.697	7.269
São Mateus	28.238	21.938
Afonso Cláudio	40.243	34.417
Alfredo Chaves	8.137	7.902
Domingos Martins	20.722	20.147
Ibiraçu	9.260	7.255
Itaguaçu	8.989	8.368
Itarana	7.005	6.340
Santa Leopoldina	20.446	20.413
Santa Teresa	21.655	19.679
Vila Velha	1.917	985
Castelo	17.345	17.192
Conceição do Castelo	12.723	12.522
Iúna	25.315	20.831
Muniz Freire	15.665	14.820
Alegre	28.273	19.624
Apicá	4.362	3.649
Atílio Vivacqua	6.019	4.413
Bom Jesus do Norte	1.403	1.195
Cachoeiro de Itapemirim	37.252	30.482
Divino São Lourenço	3.586	3.198
Dores do Rio Preto	3.167	3.062
Guacuí	7.424	6.181
Jerônimo Monteiro	4.837	4.220
Mimoso do Sul	16.540	13.754
Muqui	8.029	7.153
São José do Calçado	6.063	5.079
Guarapari	12.981	11.564
Presidente Kennedy	10.379	7.648
Rio Novo do Sul	6.063	5.240

CAUSAS

O decréscimo de população em determinados municípios, como Ecoporanga, onde em apenas sete anos aconteceu uma diminuição de 17 mil pessoas; a queda de 10 mil em Barra de São Francisco; nove mil em Nova Venécia; e os demais, coloca na realidade, em xeque, todo o setor agrícola. As alternativas de mecanização para o setor agrícola capixaba são bem reduzidas e o seu custo não é dos menores. As áreas onde se poderia implantar um esquema de mecanização, já são ocupadas pelos eucaliptais.

Mesmo que o plano de erradicação dos

do fundo", reforçada pela já folclóricas palavras do bispo de São Mateus, D. Alço Gerna, de que em breve ele seria bispo de bois e eucaliptos, tal o domínio destas atividades na sua diocese.

TESTEMUNHO

Em marginalidade social e Relações de Classes em São Paulo", livro de Manoel Berlinck publicado pela editora Vozes, em 1979, o autor colheu o testemunho de um retirante capixaba para retratar o ciclo / floresta / agricultura / êxodo rural, sua irracionalidade e suas causas:

- Dídimo Barcelos nasceu na Vila do Corrego de Água, município de Aracruz, Espírito Santo. Com 12 anos começou a trabalhar na roça plantando arroz, feijão, milho, no sítio de quatro alqueires, que era de seu pai. Em 1951 a família de Dídimo mudou-se para São Gabriel da Palha (Espírito Santo) e o sítio ficou abandonado porque não dava quase nada. Em São Gabriel da Palha foram diretamente para a roça onde arrendaram terras. Formaram café num sítio de um alqueire e meio e plantaram cereais entre os pés de café. Depois de 3 anos, começaram a dar um terço da colheita dos cereais ao dono da terra e depois de 4 anos davam a metade da colheita do café ao dono. Em 1962, Dídimo casou-se e alugou uma casinha na cidade, indo trabalhar de ajudante de maquinista numa indústria de madeira. A fábrica estava começando e ele ajudou a fazer a fundação. Foi o primeiro operário e ficou três meses sem ser registrado e oito meses registrado, quando foi mandado embora porque os donos não deixavam o operário ficar mais de um ano. Dídimo não quis mais voltar a trabalhar na roça e veio diretamente para São Paulo. Por esta estrada que Dídimo andou muitos já passaram e certamente muitos e muitos irão trilhar - lá ainda, perpetuando o êxodo.

ESTRUTURA FUNDIÁRIA

Outro fator é a tendência de concentração da propriedade rural no Espírito Santo, constatada com a divulgação dos números do Censo Agropecuário de 1975, em confrontação com idêntico levantamento feito em 1970. De 70.712 propriedades existentes em 1970, apenas 60.648 foram constatadas em 1975, apresentando uma queda de 15 por cento, é bom que se diga que existem muitas propriedades com um único dono. Ocorreu no período, uma diminuição no número das propriedades com área inferior a 100 hectares.

Na revista Exame, de 14 de abril deste ano, numa longa matéria sobre o setor agrícola, o economista Alberto Passos Guimarães fala que "na década de 50, uma comissão mista - Brasil-Estados Unidos propôs a política de financiamento maciço para acelerar a mecanização rural como única opção de desenvolvimento agrícola para o Brasil (o que foi um erro, num país carente de emprego, com uma estrutura agrícola irracional e uma população rural cuja única alternativa é a reforma agrária". É nesta época que surgiram os sistemas de extensão rural e é nesta época que a industrialização no Brasil tem a sua arrancada, portanto, o setor agrícola passaria a fornecer mão-de-obra para as cidades. Naturalmente que a oferta de mão-de-obra teria de ser mais abundante do que as necessidades, como o foram, para o não comprometimento do esquema que estava sendo

Município	1970	1977
Ecoporanga	48.006	31.757
Montanha	13.541	12.322
Mucurici	20.044	15.932
Baixo Guandu	27.200	26.129
Barra de São Francisco	54.458	45.883
Boa Esperança	10.545	10.177
Nova Venécia	47.947	41.430
Pinheiro	21.284	18.807
Afonso Cláudio	47.742	42.675
Ibiraçu	17.296	16.758
Itaguaçu	12.061	11.934
Castelo	25.938	25.704
Iúna	32.143	30.885
Muniz Freire	18.900	18.653
Alegre	40.693	32.808
Apiacá	7.443	6.065
Divino de São Lourenço	3.967	3.586
Mimoso do Sul	23.952	22.018
Muqui	12.867	12.615
São José do Calçado	9.748	8.898
Presidente Kennedy	10.890	8.393
Apiacá	9.278	8.528
Itarana	8.937	8.654
Santa Teresa	26.015	25.186
Rio Novo do Sul	9.278	8.528

Bom Jesus do Norte	5.122	5.945
Cachoeiro de Itapemirim	101.649	101.809
Dores do Rio Preto	3.754	3.876
Guaçuí	16.923	18.211
Jerônimo Monteiro	7.379	7.448
Anchieta	11.515	12.687
Guarapari	24.463	30.887
Iconha	7.655	8.424
Itapemirim	28.766	33.482
Piúma	3.610	4.752

Guaçuí	7.424	6.181
Jerônimo Monteiro	4.837	4.220
Mimoso do Sul	16.540	13.754
Muqui	8.029	7.153
São José do Calçado	6.063	5.079
Guarapari	12.981	11.564
Presidente Kennedy	10.379	7.648
Rio Novo do Sul	6.063	5.240

SETOR RURAL

A evidência de que o meio rural capixaba vem expulsando população, constata-se no fato de 43 municípios acusarem uma diminuição real de população. Somente em 10 municípios houve um incremento de população. A evolução da população nestes municípios correlaciona-se a sua localização na faixa litorânea e quatro fazem parte da Grande Vitória. No mapa de número 2, vemos em negrito os municípios que tiveram aumentado sua população rural e no quadro abaixo vemos a evolução dessa população:

Município	1970	1977
Piúma	1.337	1.769
Itapemirim	21.254	22.675
Iconha	6.252	6.351
Anchieta	9.143	9.648

CRESCIMENTO

Dos 28 municípios que tiveram sua população aumentada de 1970 a 1977, nem todos acompanharam a média de crescimento do estado, que

CAUSAS

O decréscimo de população em determinados municípios, como Ecoporanga, onde em apenas sete anos aconteceu uma diminuição de 17 mil pessoas; a queda de 10 mil em Barra de São Francisco; nove mil em Nova Venécia; e os demais, coloca na realidade, em xeque, todo o setor agrícola. As alternativas de mecanização para o setor agrícola capixaba são bem reduzidas e o seu custo não é dos menores. As áreas onde se poderia implantar um esquema de mecanização, já são ocupadas pelos eucaliptais.

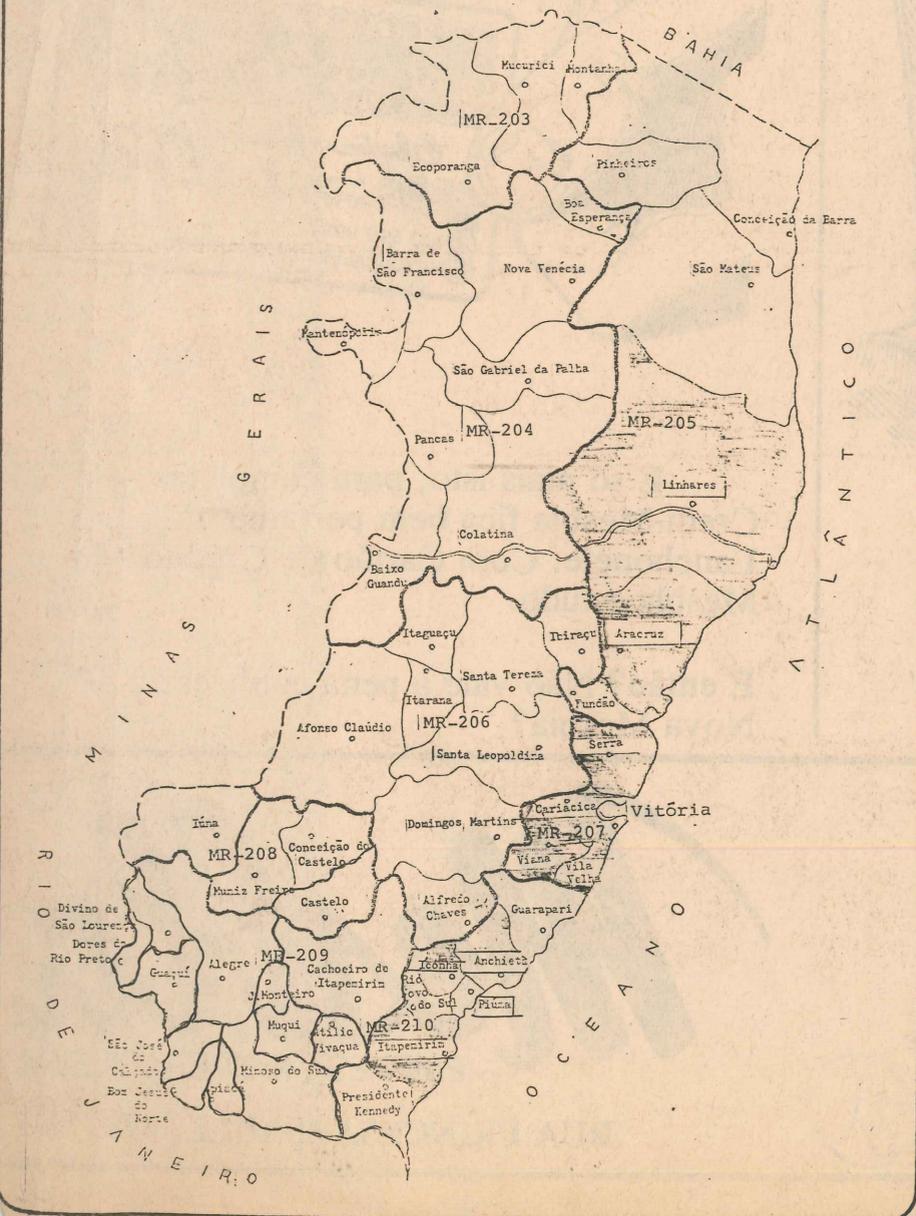
Mas, seria totalmente válido creditar a erradicação dos cafezais esta situação já reinante desde 1960? Não estaria o Espírito Santo sofrendo o problema de consequência natural de uma ocupação irracional e predatória do solo do Estado? O fechamento do ciclo floresta/agricultura/pastagem não seria o fator preponderante na saída dos capixabas para outros estados e para as grandes cidades? Tais perguntas podem subverter a realidade aparente embora não resolvam o problema dos que já saíram e nem dos que já estão com os pés na estrada.

Sustenta essa hipótese a consciência interiorana de que "onde entra o boi, o homem sai pelas portas

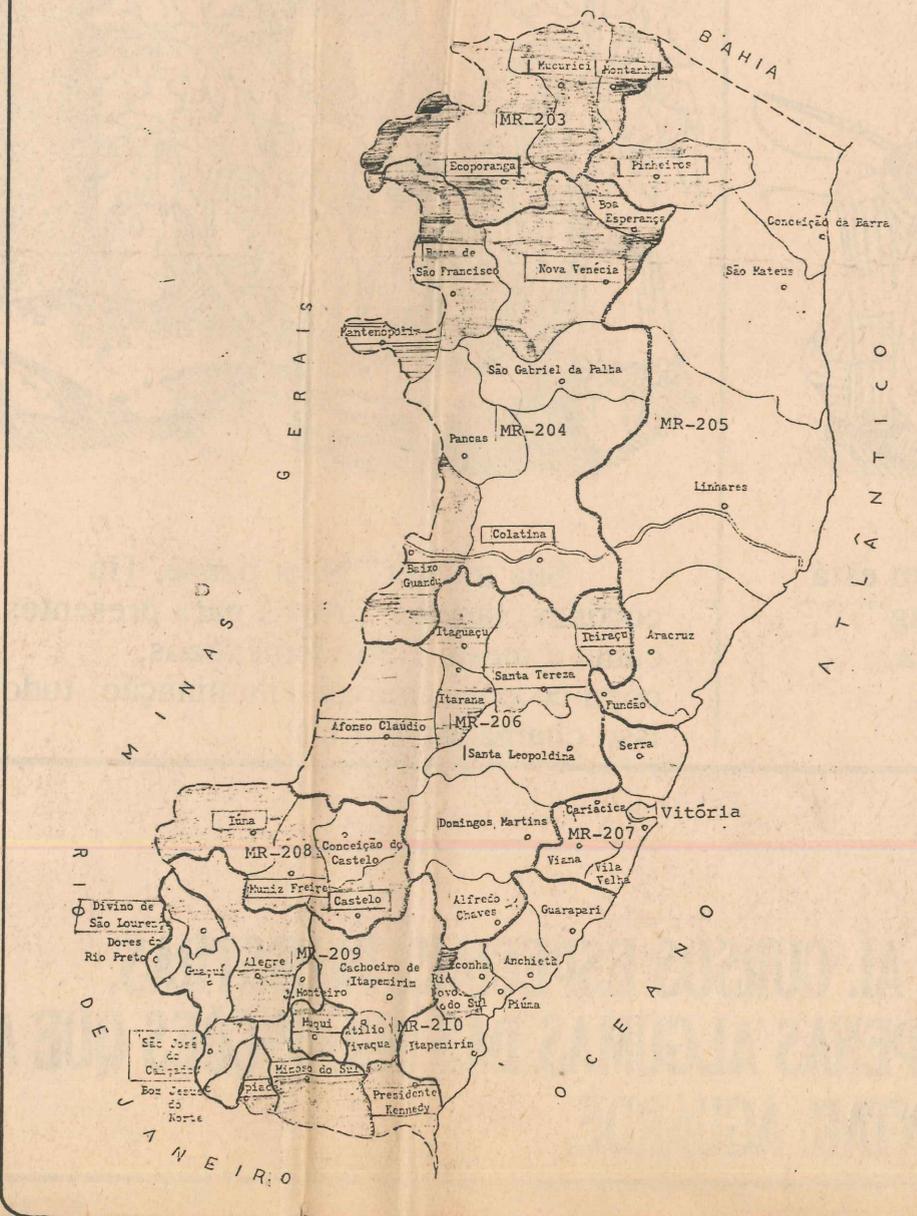
priedades com área inferior a 100 hectares. Na revista Exame, de 14 de abril deste ano, numa longa matéria sobre o setor agrícola, o economista Alberto Passos Guimarães, fala que "na década de 50, uma comissão mista - Brasil-Estados Unidos propôs a política de financiamento maciço para acelerar a mecanização rural como única opção de desenvolvimento agrícola para o Brasil (o que foi um erro, num país carente de emprego, com uma estrutura agrícola irracional e uma população rural cuja única alternativa é a reforma agrária". É nesta época que surgiram os sistemas de extensão rural e é nesta época que a industrialização no Brasil tem a sua arrancada, portanto, o setor agrícola passaria a fornecer mão-de-obra para as cidades. Naturalmente que a oferta de mão-de-obra teria de ser mais abundante do que as necessidades, como o foram, para o não comprometimento do esquema que estava sendo montado.

Não é novidade para ninguém a ação natural e sistemático do trabalho da extensão rural para o meio urbano, dentro de um esquema de se denomina "capacitar de alguma forma os elementos que certamente vão sair para o meio urbano". Consideram como inevitável a saída. É, através do crédito, estabelecem uma ligação do elemento com o mercado e sempre através de uma estratégia para ganho de escala forjam a tendência à monocultura.

Mapa I



Mapa II



PROBLEMAS

Outra situação típica, no caso capixaba, o fato de que sempre quando o proprietário rural caminha para uma concentração de esforços em uma determinada atividade, ele se defronta com constantes problemas do setor. O exemplo mais notório é a pecuária, onde vemos hoje uma queda no rebanho, que cresceu desmesuradamente na vã expectativa de mercado. Concorreu para os problemas atuais não somente a falta de mercado externo altamente compensador, mas o aparecimento de pragas em larga escala — cigarrinhas — motivadas pela monocultura dos capinzais.

Ainda dentro do esquema de monocultura, temos o exemplo cíclico do café, onde se deveria diversificar as atividades, para evitar eventuais problemas de preços. E feticivamente, a concentração em uma só atividade vem trazendo problemas sérios, que infelizmente não tem sido tomados como lição. A argumentação de que a diversificação não pode dar ganho de escala, é falsa, porque em contrapartida assegura o prosseguimento da atividade como um todo, em caso de haver problema com um seu segmento.

A continuar o esquema de concentração de propriedades e a irracionalidade da monocultura, o setor agrícola capixaba vai sempre ter um comportamento de fornecedor de mão-de-obra para as cidades e moradores na periferia das cidades. É interessante ainda o fato de que o grande volume de produção vem das pequenas propriedades com menos de 100 hectares — que no Espírito Santo estão diminuindo. O prosseguimento neste ritmo, vai fazer com que todos os dias escutemos: a produção capixaba não é suficiente para o suprimento das necessidades internas nos seguintes produtos...

Felizmente alguma luz já é vista e cidades imensas como Rio de Janeiro e São Paulo são condenadas. O modelo de inchaço das cidades, vide a Grande Vitória, já tem opositores, que em contrapartida sugerem uma melhor distribuição entre os aglomerados urbanos e o meio rural. A continuidade do êxodo, será o comprometimento da manutenção estável das cidades monstruosas que temos hoje, sem condições de funcionarem normalmente.